

Igreja Batista Monte Horebe
Pastoral: 08-08-2010
Autor: Pr. Edson B. Valeriano

“PAI SERVE PARA QUE ?”

“Escrever para mãe é uma beleza, porque mãe é unanimidade e certeza.
Os poetas não escrevem para os pais, pois esgotaram toda sensibilidade escrevendo para as mães.

Os pintores fizeram a imagem da mãe com o filho no colo, não sobrando espaço nem para sombra do pai.

As músicas cantam sempre o esplendor da mãe, do chinelo na mão ao avental sujo de ovo. O pai, não é lembrado nem como vilão.

Quando se trata da mãe, qualquer manifestação artística vira obra-prima. Quem ainda cuida do pai, com carinho, é a cobrança de pensão.

Nossa civilização, machista no poder, mas de alma sentimental, optou pela ternura da mãe, deixando o pai na reserva estratégica do afeto.

Até o comércio, tão astuto nas comemorações de datas emocionantes, não sabe o que fazer para exaltar a figura do pai.

Nas crises conjugais da sociedade moderna, a mãe é cultuada como detentora do equilíbrio no impasse da família.

A própria justiça, na busca da estabilidade familiar, delega às mães o “pátrio poder”, retirando do pai até a semântica.

Os governos atuais optaram pela mãe. Ela recebe o cartão de benefícios sociais e a chave da casa própria, com escritura em seu nome.

A mãe é a certeza da maternidade e o pai é o talvez do DNA.

Falando do pai é um espinho, porque participa no filme social sempre como coadjuvante, quando seu desejo é viver o papel de mocinho.

Pai é como noivo: somente é observado depois que todo mundo já encheu os olhos com a graça da noiva.

O pai é quase um excluído nos valores sociais, mas ainda luta para tornar-se uma imagem que venceu o vulto.

O pai é a peça chave nos bastidores, porém ninguém sabe, porque a mãe está sempre ativa nos palcos das emoções.

O “status” de pai vive uma imensa crise de credibilidade. Metade, pelos fatos. A outra metade, pelas versões.

O pai é um parceiro necessário, uma ternura estranha, mas navega na contradição do anoitecer, pois está sempre preocupado em antecipar o amanhecer.

Está certo que a mãe é apenas tudo. Mas o pai é o brinquedo que chega, o bom humor da ausência, a visita que faz festa.

Tudo bem que o pai pode ser um trapalhão descartável. E como é que fica depois a briga no crepúsculo, a troca de pneu, o carregamento do botijão de gás, a saudável divergência que faz crescer?

O pai é a lágrima calada, o silêncio que esconde sua fragilidade, a luta permanente, para vencer a fortaleza interior sugerida pela mãe ao filho homem.

O pai é o maior injustiçado na literatura universal. Mas chegará o dia em que a humanidade descobrirá que o pai é na verdade uma verdadeira mãe!!!”

(Adaptado).